



A extensão como educação: percepções de estudantes extensionistas como promotores de diálogos sobre políticas públicas municipais

Extension as education: perceptions of extension students as promoters of dialogues on municipal public policies

Clóvis Henrique Leite de Souza¹

Carolina Soares Mendes²

Resumo

Este trabalho objetiva investigar em que medida o diálogo sobre políticas públicas se materializa como um meio para a extensão cumprir seu papel e sua função social como educação, a partir da experiência da ação de extensão “Bancada da Sala: ouvindo a política de perto”, desenvolvida como *podcast* por estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG - Campus Formosa. Para tanto, foram realizados questionário exploratório e grupo focal com os estudantes que promoveram o *podcast*. Pretendeu-se não só evidenciar a relevância dessa ação de extensão, mas especialmente aliá-la a uma reflexão sobre o próprio lugar da atividade extensionista como meio gerador de diálogos sobre políticas públicas, em especial, considerando a realidade local da política municipal a partir da qual foi empreendida.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Extensão como educação. Diálogos sobre políticas públicas.

Abstract

This paper aims to investigate to what extent the dialogue on public policies becomes a means for the extension to fulfill its role and social function as education. It centers on the experience of the extension activity “Bancada da Sala: listening to politics up close”, developed as a podcast by students of the Federal Institute of Education, Science and Techonology of Goiás - IFG - Formosa Campus. For this, an exploratory questionnaire and a focus group were carried out with the students who promoted the podcast. It was intended not only to highlight the relevance of this extension activity but also to connect it to a reflection on the function of the extension as a generator of dialogues about public policies, especially considering the local reality of municipal politics from which it was undertaken.

¹ Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - clovis.souza@ifg.edu.br;

² Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) - carolinasmedes@gmail.com.



Keywords: University Extension. Extension as education. Dialogues on public policies.

1 Para começar a conversa

Em que medida o diálogo sobre políticas públicas se materializa como um meio para a extensão cumprir seu papel nas Instituições de Ensino Superior? Esta é a questão que anima este artigo, que realiza reflexões a respeito da extensão como educação a partir de seu entremeamento com a experiência do projeto de extensão “Bancada da Sala: ouvindo a política de perto”³ - realizado no campus Formosa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG. Trata-se de opção epistemológica no sentido de considerar a teoria a partir das vivências, trazendo-a como lente para interpretação da realidade.

Compreender a extensão como educação implica transpor a separação ensino - pesquisa - extensão. Implica também definir a extensão por suas características e potencialidades, ao invés de defini-la por suas diferenças em relação ao ensino e à pesquisa. A extensão compreendida enquanto educação pode ser meio para que as Instituições de Ensino Superior - IES cumpram seu papel e sua função social, considerando-a, ao lado do ensino e da pesquisa, parte constitutiva e não complementar das IES.

A compreensão de “extensão como educação” desponta como entendimento capaz de afirmar seu papel estruturante ao invés de perpetuá-la como negativa das outras dimensões da educação superior. Paralelamente, o diálogo sobre políticas públicas aparece como meio para integração de saberes, prática sociopolítica e investigação acurada de temas do cotidiano, talvez sendo capaz de efetivar a compreensão de ensino, extensão e pesquisa como integrados, interdependentes ou mesmo indissociáveis.

3 O “Bancada da Sala” foi ação de extensão voltada para a criação e elaboração de um *podcast* por estudantes do IFG - Campus Formosa. O *podcast* pode ser escutado em <<https://anchor.fm/bancada-da-sala/>> Acesso em 04/04/2022.



Este texto apresenta descrição da experiência seguida por dados de questionário exploratório com os estudantes da equipe do projeto. Na sequência, vêm percepções destes estudantes sobre o projeto, com destaque para como observam a relação da ação de extensão com a comunidade e o cumprimento da função social da instituição por meio dela. O foco da análise está em saber como o diálogo sobre políticas públicas promovido pelo “Bancada na Sala” possibilita que a extensão se realize como educação.

2 A experiência do “Bancada da Sala: ouvindo a política de perto”

A ação de extensão analisada foi iniciada quando um estudante procurou um professor expondo interesse de realizar um projeto de pesquisa, mas que continha desejo que não correspondia propriamente a processo de pesquisa. Ele pretendia interagir com sujeitos da política institucional do município de Formosa - GO para que temas do cotidiano da cidade pudessem ser debatidos publicamente fora do período eleitoral.

O professor percebeu a intenção do estudante: promover diálogos sobre políticas públicas por meio de um *podcast*. Assim, avaliou que o formato da iniciação científica não seria o mais adequado para a prática almejada, o público intencionado e seus possíveis desdobramentos, pois o intuito não era, de início, produzir conhecimento e sim criar relações e intervir no debate público. Surgiu então a ideia de elaborar um projeto de extensão, tendo em consideração que a ação pretendida tanto não possuía características de pesquisa quanto tampouco se apresentava como ação de ensino.

Caracterizar a extensão pelo que ela não é pode ser um recurso efetivo para sua diferenciação, mas pouco contribui com o entendimento de suas potencialidades. E foi o desconhecimento sobre as potências e finalidades da extensão - aliado à experiência prévia com pesquisa enquanto atividade distinta do ensino - que fez com que o estudante pensasse, a princípio, em uma iniciativa de pesquisa. No entanto, ao reconhecer que o caráter da ideia era mesmo extensionista, se animou e seguiu o



empreendimento, mobilizando equipe e delineando uma proposta de projeto para concorrer a recursos de fomento para ações de extensão cujo edital estava vigente.

A equipe contou com três membros: dois estudantes da licenciatura em Ciências Sociais no campus Formosa do IFG, sendo um deles estudante da instituição desde o ensino médio técnico integrado, e uma estudante egressa também do ensino médio integrado do IFG - Formosa que cursava Jornalismo em outra IES. Não tardou para que assumissem funções no projeto mais ligadas às habilidades ou conhecimentos esperados em suas futuras profissões, a saber: cientista social e jornalista.

O projeto teve como objetivo “produzir um *podcast* entrevistando políticos profissionais no município de Formosa, Goiás, de maneira a pluralizar as ferramentas de informação, e assim comunicar-se com grupos sociais invisibilizados (negros e negras, LGBTQIA+, empregadas domésticas, jovens e adolescentes), almejando que eles se aproximem e se interessem pelos temas por meio desta forma contemporânea de comunicação”. A iniciativa foi contemplada com recurso de fomento, o que possibilitou o pagamento de bolsas aos membros da equipe por quatro meses e de fornecedores para a execução da edição de áudio e criação de peças digitais para divulgação dos episódios. Desenvolvido de agosto de 2021 a abril de 2022, o projeto publicou dez episódios sobre temáticas diversas, pela ordem de publicação: Voto Impresso Auditável; Árvores de Pé; Violência Contra a Mulher; Instituições Políticas; Impacto da Chuva na Cidade; Ativismo Animal; Transporte para Todos; Mulheres na Política; Escravidão Moderna; Políticas de Saúde.

Em cada episódio, com duração média de 45 minutos, um sujeito político local foi entrevistado, tendo sido cinco vereadoras, três ativistas sociais, uma secretária municipal e um integrante do Ministério Público. Os membros da equipe se revezaram na realização das entrevistas que buscavam abordar o tema a partir de uma visão reflexiva e bem-informada. Assim, a preparação para cada entrevista ocorria com a elaboração de roteiro de perguntas e guia para locução. Sempre que necessário, foram feitas inserções posteriores para tornar a conversa mais informativa ou mesmo



didática para o público, considerando também a possibilidade de aprofundamento na reflexão.

Embora membros do projeto tenham mencionado a fase de produção como desafiadora – considerando a necessidade de elaboração de roteiros instigantes e o trabalho de contato e agendamento com possíveis entrevistados –, foi consenso entre a equipe que a principal dificuldade se relacionou à divulgação e à sua difusão entre o público almejado. Inicialmente, foi pensada divulgação entre a comunidade interna por meio de inserção nos boletins informativos do campus. Com o intuito de alcançar a comunidade externa, a divulgação foi centrada nas redes sociais. Para tal, o projeto contou com perfis no *Facebook* e no *Instagram*, além de uma ação de impulsionamento pago direcionada ao município de Formosa que pareceu não surtir efeito no quantitativo de episódios escutados.

3 Percepções dos estudantes sobre a experiência

O que os estudantes pensam sobre a experiência vivida no projeto de extensão? Para responder tal questão, foi formulado questionário aplicado à distância para mapeamento inicial de percepções e preparação para realização de grupo focal com membros do projeto em fevereiro de 2022. Com o questionário foi possível identificar que os três estudantes já haviam participado de projetos de pesquisa, mas que apenas um participou previamente de atividades de extensão, tendo na ocasião sido beneficiário de um curso de extensão e não colaborador em uma iniciativa extensionista.

Em relação ao tema geral do projeto, foi questionado se no IFG já haviam participado de atividades de ensino sobre política, ao que dois estudantes responderam que sim e um indicou que não. Quanto às aprendizagens anteriores, foi questionado se haviam aprendido algo sobre políticas públicas no IFG. Nesse sentido, também dois estudantes responderam que sim e um estudante indicou que não. Considerando o cerne da ação extensionista realizada e sua articulação com o interesse sobre a política municipal, questionou-se ainda como era a percepção dos membros da



equipe antes e depois de participarem do projeto de extensão. Dois estudantes responderam que antes eram interessados e um estudante era indiferente à política municipal. Após participarem do projeto, os três indicaram se interessar pela política municipal.

Ainda a respeito dos efeitos do projeto na equipe, os três estudantes marcaram sim como resposta a se o projeto havia contribuído para seu desenvolvimento pessoal e especificaram estas contribuições: *“Para o meu interesse no campo político, a aprendizagem com os entrevistados e colegas de projeto, a possibilidade de aperfeiçoar minhas habilidades jornalísticas”*; *“Me fez enxergar as ciências sociais dentro do jornalismo”*; *“Pude compreender a função da relação universidade e comunidade na prática”*. Diante dessas respostas, além do desenvolvimento pessoal e profissional apontado, é significativo ter sido indicado que a relação universidade - comunidade foi objeto de aprendizagem. Afinal, esse é o elemento central das ações de extensão. De todo modo, o questionário procurou tratar liminarmente a compreensão das dimensões que compõem o ensino superior, perguntando se o projeto permitiu verificar a relação ensino, pesquisa e extensão. Nesse quesito, um estudante disse não e dois estudantes responderam sim.

É exatamente essa relação entre ensino - pesquisa - extensão que marca os principais debates contemporâneos sobre o papel das IES, particularmente em vista do movimento de curricularização da extensão - motivado pelas diretrizes contidas na Resolução CNE/CES Nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Isto porque descortinam-se a partir da curricularização lutas e disputas já presentes no campo da educação e que evidenciam vieses concorrentes de desenvolvimento e das relações entre IES e sociedade.

Neste cenário, a articulação expressa na bibliografia e legislação quanto ao princípio da indissociabilidade pode ser percebida na conversa realizada com estudantes no formato de grupo focal. O grupo foi realizado por videoconferência com duração de 1h30, com a participação dos três estudantes membros da equipe. Na ocasião, a interação foi estimulada por meio de perguntas apresentadas oralmente e escritas no *chat* pelos pesquisadores.



4 Compreensões sobre extensão

A própria memória da iniciativa do projeto “Bancada da Sala” revela o quanto as compreensões sobre a extensão são imprecisas e variadas. A ideia inicial para o projeto foi de realização de um processo de pesquisa, o que revela que a natureza da atividade extensionista de constituição de relação com a comunidade não tem sido suficiente para caracterizar e dar visibilidade a esta dimensão das IES. A partir do direcionamento sugerido pelo orientador, construiu-se então uma proposta de ação de extensão com atenção para a relação a ser articulada com o público.

As falas dos estudantes envolvidos no projeto permitem observar diferentes concepções de extensão presentes no imaginário de sujeitos das IES. Inicialmente, destaca-se a compreensão da extensão a partir de sua etimologia, que remete a estender ou difundir, como notamos abaixo.

Assim, pensando na palavra extensão, ela por si só fala de você passar o conhecimento para alguém e não necessariamente essa pessoa te devolver o conhecimento. Ou seja, não é uma comunicação, é uma extensão, você passa o conhecimento para uma pessoa passiva e ela recebe e é isso. Então eu acho que a extensão pensada, assim, diferenciando da pesquisa, eu acho que ela contribui muito mais com a comunidade, ela devolve muito mais conhecimentos para a comunidade do que a pesquisa. Eu acho que a extensão ela *conversa* muito mais com o público, ela consegue utilizar uma linguagem menos academicista, uma linguagem mais acessível e ela *trabalha muito mais com a prática*, eu acho, com a *práxis*, a teoria mais prática (Estudante 03, grifos nossos).

No entanto, mesmo diante da afirmação de que a extensão não consiste em processo comunicativo, há aspectos do entendimento apresentado que evidenciam a perspectiva relacional e dialógica desta dimensão, quando são enfatizadas as noções de conversa e de *práxis* - o que avaliamos como compreensão suscitada a partir da vivência específica no projeto “Bancada da Sala”.

É ainda possível observar a recorrência da definição da extensão a partir de sua comparação com a pesquisa, assim como da relevância da relação que a ação



extensionista estabelece com sujeitos da comunidade. A partir do tipo de relação que se estabelece com estes sujeitos não vinculados (por matrícula) à instituição se pode observar as concepções que subjazem as compreensões de extensão dos estudantes e que ainda seguem muito associadas à perspectiva de estender conhecimentos, torná-los mais acessíveis, permitir à comunidade acesso ao que é produzido dentro da IES, como é possível reconhecer na fala a seguir.

[...] mas eu não entendia inicialmente o porquê de fato ser um projeto de extensão, mas depois eu entendi, aí com o processo, acho que mais com o processo do que de fato do que com a busca, assim, do termo, que de fato ligaria muito mais a extensão, porque a gente estava propondo material que não era somente, assim, reflexivo e construtivo próprio. Era uma coisa que era para outros (Estudante 01).

Percebe-se a ação de extensão vista como "uma coisa que era para outros", ou seja, voltada aos sujeitos de fora da IES. A relação com os sujeitos da comunidade não está explicitada, mas há ali um sinal que pode revelar a percepção sobre a natureza da ação extensionista que "não era somente, assim, reflexivo". Vemos que além do direcionamento que não é para a própria IES - e sim para os outros -, a extensão aparece como ação e não "somente" reflexão. De todo modo, a dúvida sobre o entendimento da extensão na educação superior permeou a reflexão de todos os três estudantes, como é possível notar abaixo.

[...] eu estava pensando, refletindo um pouco isso antes da nossa reunião e eu estava tipo, ensino e pesquisa, beleza, eu consigo compreender, eu consigo ter algo palpável sobre ensino e pesquisa, aí a extensão, o que é a extensão, entende? Então tipo, pensar o ensino e pesquisa é fácil, você pensa enquanto estudante, você pensa enquanto professor, você pensa enquanto pesquisador. Aí tipo, o que é extensão, como ela entra? (Estudante 02).

Como mencionado, tratar a extensão pelo que ela não é, diferenciando-a do ensino e da pesquisa, pode ser um recurso útil para seu entendimento, mas pouco efetivo para que potencialidades inerentes a esta dimensão do ensino superior sejam exploradas. De todo modo, é pela tentativa de diferenciação que o estudante na fala



acima tenta formular sua própria compreensão da extensão. Ademais, o trecho evidencia pensamento que não consegue caracterizar a ação extensionista como parte da identidade de um indivíduo. Afinal, nas IES há estudantes, professores, pesquisadores, mas “e a extensão, como ela entra?”. O estudante não concebe diretamente a identidade de extensionista apoiada à identidade de estudantes e professores, como ele vê possível com a menção à identidade de pesquisador.

A dúvida e a imprecisão notada na fala dos estudantes ao tratarem da extensão, diferenciando-a do ensino e da pesquisa, também pode ser percebida na variedade de entendimentos da bibliografia sobre o papel da extensão nas IES. Frequentemente ainda definida pelo que não é, a dimensão da extensão tem sido historicamente promovida na educação superior brasileira a partir de diferentes concepções. Estabelecida inicialmente na perspectiva de cumprimento de compromisso social - o que lhe conferia muitas vezes caráter assistencialista -, a extensão também foi compreendida como processo de disseminação e transmissão de conhecimentos e na atualidade tem sido fundamentada na perspectiva de “extensão como educação” (CABRAL, 2012).

É neste sentido que ela pode ultrapassar uma característica antidialógica de estender conhecimentos (FREIRE, 1983), permitindo que no diálogo e no encontro dos sujeitos da extensão “[...] o conhecimento se constitu[a] nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiço[e] na problematização crítica destas relações” (idem, p. 22). Assim, são observados avanços nas definições em regulamentos e articulações institucionais que fortalecem o campo de ação da extensão no Brasil. No caso dos Institutos Federais, particularmente a partir de articulações do Fórum de Extensão da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - FORPROEXT, que almejou “construir e sistematizar as atividades Extensionistas na Rede Federal de EPCT sob as premissas da nova Institucionalidade que passaria a incorporar a Educação Profissional, o Científico e o Tecnológico” (CONIF, 2013, p.5). Entretanto, ainda que esta concepção da atualidade de extensão como educação esteja materializada em regulamentações, percebe-se também que os outros entendimentos



da extensão ainda existem e coexistem na realidade das IES e em como os diversos sujeitos da extensão participam dela e a compreendem.

5 Desdobramentos da escolha pela extensão

Considerando que o projeto “Bancada da Sala” não foi realizado pela via da pesquisa nem pela via do ensino, quais seriam as vantagens e desvantagens da escolha pela via de natureza extensionista? Como os estudantes pensam os desdobramentos decorrentes da escolha pela extensão é o que veremos nas falas a seguir.

Assim, parece para quem só fez pesquisa, que talvez seria mais fácil uma pesquisa, entendeu? No projeto de pesquisa, às vezes a gente não precisa de muito envolvimento com o resultado que a gente quer produzir. Por exemplo, se a gente faz um projeto de pesquisa, a gente faz a entrevista, se a gente fizesse a entrevista com o vereador, ele daria as respostas, a gente produziria um relatório e ficaria ali, a gente estaria satisfeito porque aquela foi a nossa meta (Estudante 01).

Por essa fala, a extensão gera a necessidade de comprometimento com a relação com a comunidade, como disse o estudante, “envolvimento com o resultado”. Aparentemente na pesquisa há uma ação cujo resultado fica restrito a um produto mais tangível e de responsabilidade individual, ao relatório. No caso do projeto observado, “envolvimento com o resultado” pode estar direcionado a uma preocupação com o impacto da ação de extensão, pois sua natureza relacional exige tal compromisso. Aliás, compromisso com a relação entre sujeitos é uma noção que remete a vínculo, elemento definidor da extensão na fala abaixo.

Dado o que a gente produziu nesse tempo, eu entenderia a extensão como vínculo. Eu acho que ajuda a gente a entender o espaço que a gente está. Aí vincula a educação, o acadêmico com o social. O IFG fica situado numa zona periférica, e ali a gente está tentando conectar com pessoas que normalmente não têm acesso à informação ou à educação ou a outras coisas que a gente sabe que são necessárias para o desenvolvimento delas, para o desenvolvimento pessoal, para o desenvolvimento social (Estudante 02).



A conexão e o vínculo com a comunidade saltam aos olhos nesse trecho. O comprometimento com as pessoas de um bairro periférico no qual a IES está instalada pode ser materializado em ações de extensão para pessoas que “normalmente não têm acesso à informação ou à educação”. Na fala do estudante o vínculo e o comprometimento se estabelecem pela carência, considerando que a IES está num papel de detentora de conhecimentos úteis à comunidade. Ainda que não expressa explicitamente, observa-se a percepção da relação de poder entre universidade e comunidade, inclusive na possibilidade de difundir “outras coisas que a gente sabe que são necessárias ao desenvolvimento delas”, noção que não reconhece os sujeitos como conhecedores de si e de suas necessidades. Poderíamos até cogitar prepotência, mas talvez seja consciência da carência do outro e pouca compreensão de como estabelecer o vínculo a partir de relações de poder mais equânimes.

Entretanto, constituir relações de poder que possibilitem trocas equilibradas em que universidade e comunidade tenham capacidade de influência nos comportamentos recíprocos passa pelo reconhecimento dos sujeitos e de seus saberes não acadêmicos. Essa talvez possa ser uma das potencialidades da extensão na realidade das IES, como indica a seguinte fala.

Acho que além disso é essa aproximação, eu sempre pensei nessa aproximação entre universidade e outros espaços e outras pessoas e outros grupos, mas era muito difícil. Eu não sei se só de fato a extensão, porque parece que só a extensão consegue propiciar essa aproximação. Parece que ela não consegue sozinha, mas ela é o único espaço que pode facilitar isso (Estudante 01).

Pelo trecho em destaque, a escolha pela extensão aparece como desafio, pois ela é promotora da aproximação da IES com seu entorno, mas isso não ocorre facilmente. De todo modo, há o reconhecimento de uma potência na extensão que é justamente facilitar essa aproximação. O estudante aponta que talvez não seja apenas a extensão a dimensão que possibilite a conexão entre IES e comunidade. De toda forma, ações extensionistas são facilitadoras de tal vínculo.



Isso fica ainda mais explícito quando a fala abaixo expõe os limites de uma ação de pesquisa para o tipo de objetivo do projeto em análise.

Não daria para ter sido feito o Bancada da Sala dessa forma se fosse um projeto de pesquisa. A gente não chegaria na metade dos objetivos. Por quê? Porque ali no projeto de pesquisa a gente não ia disponibilizar ou se esforçar para disponibilizar o conteúdo, o que foi escrito, para alguém. E nesse a gente teve essa missão inicial de se esforçar para disponibilizar para o pessoal. Aí se eles acessam é outra história, mas a gente teve essa ação de fazer isso. Num projeto de pesquisa não, a gente ia fazer todo o caminho, ia escrever, aí, sei lá, ia apresentar numa SECITEC [Semana de Ciência e Tecnologia], para quatro pessoas dentro de uma sala com outros projetos. Então a gente talvez não cumpriria a função (Estudante 01).

Fica evidente que a escolha pela extensão trouxe a possibilidade de alcance dos objetivos pretendidos, tendo sido determinados para além do espaço interno do IFG - Formosa desde sua concepção justamente em razão da natureza desta dimensão. A marca diferenciadora da ação extensionista aparece na fala como sendo o esforço para disponibilização dos produtos para alguém, além de poucas pessoas em um evento científico.

Como apresentado anteriormente, a concepção da extensão e seu papel no cumprimento da função social da IES talvez não sejam tão precisos nos entendimentos dos estudantes e de outros sujeitos da extensão. Todavia, é possível arriscar que seja justamente na relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão que esteja a potência da ação extensionista.

Ao considerar o atual conceito de extensão, não se deseja mais apenas fornecer o que deseja a sociedade, mas trazê-la para dentro da universidade, com suas vivências, saberes e experiências, e assim produzir um conhecimento novo, que seja desde o princípio validado pelas trocas entre saber acadêmico e saberes populares. [...] é preciso democratizar não apenas o conhecimento, mas a própria universidade, fazendo com que a extensão possa ser o caminho para questionar um modelo que ainda se faz excludente, diante da formação histórica do Brasil, permeada de desigualdades, sejam econômicas, raciais ou de gênero (PIRES DA SILVA, 2020, p. 30).



Portanto, a atividade extensionista demanda a busca por articular relações com a comunidade, o que representou um desafio na experiência do “Bancada da Sala”, mas ainda revela o potencial de conexão da instituição com os espaços e comunidades que a abrigam. O vínculo aparece novamente como forma de relacionamento institucional. A extensão possibilita que a IES se apresente de outra maneira à comunidade, como diz o estudante a seguir.

Mas hoje eu enxergo a extensão como um espaço que é destinado de fato para facilitar e aproximar o pessoal aí, toda a comunidade, no caso aí de Formosa, a se aproximar tanto de algumas coisas que a gente vem estudando, que são muito mais teóricas, quanto também da própria instituição, no sentido físico mesmo, da estrutura. De aproximar as pessoas para aquele ambiente, mas também facilitar alguns conteúdos que a gente fica ali quatro anos da vida tentando estudar. (Estudante 01).

Parece que, antes de tudo, a extensão coloca a comunidade em contato com a IES tanto “no sentido físico mesmo” quanto no sentido da produção de conhecimentos. Assim, a extensão pode ser vista como uma forma de reconhecimento do que se faz na IES, mas ainda daquilo que é construído na e pela comunidade. Em uma busca pela relevância e inserção num contexto social, não basta a difusão de conhecimentos. A extensão universitária demanda uma ação proativa de comunicação, de diálogo, como indica a fala abaixo.

[...] entendo a extensão como falei antes, como uma devolutiva, eu acho que a extensão apesar de não ser uma comunicação, que a comunicação é que gera diálogo, que gera resistência e tudo mais, mas eu acho que a extensão ainda sim ela tem um papel importante, porque eu acho que ela que estimula as resistências fora das universidades, eu acho que a extensão que consegue devolver pelo menos um pouco do que a gente aprende na universidade, que eu acho que esse é o grande papel da universidade, devolver para a comunidade onde está inserida, que normalmente são comunidades marginalizadas (Estudante 03).

O trecho insiste na compreensão sobre a extensão como devolutiva. É, no entanto, possível distinguir devolutiva de difusão. Ao falar em uma IES que devolve



algo à comunidade em que está inserida, o estudante indica compreensão a respeito da possível dívida que IES têm com as comunidades. De todo modo, é cabível entender que devolutiva ocorre a partir de demanda. No sentido evocado, a produção de conhecimentos estaria imersa em demandas e “resistências” da comunidade, em fluxo contínuo entre identificação de necessidades e formulação de pedidos. Assim, ao ser devolvida à comunidade na forma de extensão, estimula re-existências organizadas para além do contexto das IES. Ademais, é significativo considerar que a comunicação que gera o diálogo é reconhecida na fala do estudante como potência da extensão.

6 Diálogo sobre políticas públicas como ação de extensão

Dialogar é trocar. Diálogo implica influência mútua. O diálogo compreende interação de maneira que o outro seja considerado e o sentido da interação se faça ao longo da troca. Bohm (2005, p. 34) afirma que o diálogo é “corrente de significados que flui entre nós e por nosso intermédio; que nos atravessa”. É significado ou sentido que flui através das pessoas quando interagem. Tanto na concepção da ação de extensão, quanto na declaração de objetivos expressa no projeto, foi possível captar uma intencionalidade dialógica. Remetendo à concepção do projeto, a fala a seguir indica tal intenção.

Aí a gente estava querendo fazer algo dentro da política mesmo, sei lá, a gente vai fazer uma entrevista com político, a gente vai fazer um projeto de pesquisas com políticos. Não sei. Mas a ideia era de fato conversar com esses símbolos políticos aí profissionais, em especial os vereadores. Daí na conversa por muito tempo a gente chegou num ponto assim que a gente queria falar da política. [...] A gente percebia que depois que os vereadores eram eleitos eles não se colocavam em temas polêmicos, em temas recorrentes na cidade. A atuação dele ficava muito restrita ali a um espaço que muitas pessoas não ocupavam (Estudante 01).

Por um lado, havia o desejo inicial pela conversa com políticos profissionais que, fora do período eleitoral, parecem inacessíveis. Por outro lado, fica evidente a



intenção de colocar em pauta temas de interesse coletivo, considerados relevantes e que poderiam estimular a continuidade e o fortalecimento do debate público. Percebe-se, assim, que ter a política como estímulo da ação de extensão adicionou uma outra camada ao desafio de constituir relações com a comunidade – fosse ela a comunidade entrevistada, fosse ela a comunidade ouvinte.

De toda forma, a fala abaixo indica que o contato com sujeitos entrevistados foi facilitado pela imagem que o IFG tem perante a comunidade.

Eu lembro assim poucas vezes que as pessoas nos disseram ‘não’. Porque o nome do IFG dentro do município é bastante significativo. Então as pessoas tinham bastante receio, eu acho, de dizer ‘não’ assim tão na cara. E era um instrumento muito importante para a gente, quando a gente se apresentava enquanto estudante do IFG para o pessoal aqui do município, pensava, não, ali é um espaço que a gente tem que falar (Estudante 01).

O trecho ressalta que pode ser interessante para os entrevistados participar do *podcast* em vista do lugar da instituição na realidade municipal. Assim, a imagem institucional é um passaporte que opera como credencial que facilita o desenvolvimento da ação pretendida. Além disso, a mesma imagem institucional pode ser vista como oportunidade de alcance de determinado público. É o alcance de certo grupo no debate público que está em questão. Nesse sentido, o projeto desempenhou função relevante, como indica a seguinte fala.

A gente conseguiu de certa forma, apesar de uma forma concentrada e pequena fortalecer um debate político no município, sobre temas diversos ou temas que não eram nem discutidos. Eu acho também que a gente construiu assim as ferramentas acessíveis. Porque a gente disponibilizou o conteúdo, a gente mastigou um conteúdo, a gente disponibilizou em plataformas gratuitas (Estudante 01).

O estudante ressalta que temas relevantes foram colocados em pauta no debate público. Na escolha dos temas e dos entrevistados a intenção e a prioridade foram o diálogo sobre políticas públicas. Neste sentido é valioso retomar dados do questionário aplicado com estudantes membros da equipe, pois nele foram



questionados se no IFG haviam aprendido algo sobre políticas públicas, ao que dois estudantes responderam que sim e um estudante disse que não. Entretanto, não foi abordado quais suas compreensões específicas sobre políticas públicas.

Políticas públicas podem ser compreendidas como ações que buscam enfrentar dada situação percebida como um problema coletivo. No contexto do diálogo sobre políticas públicas, vale ressaltar que a identificação de uma questão pública e sua inclusão na agenda como problema a ser enfrentado coletivamente passam pelo debate público. Por isso, é útil a noção de ação pública que abrange o conjunto de decisões tomadas por um ou vários sujeitos políticos para efetuar escolhas dos objetivos e dos meios para alcançá-los diante de situações identificadas coletivamente como problemas a serem enfrentados (LASCOURMES & GALES, 2012). O diálogo sobre ações públicas do Estado e da sociedade para o enfrentamento de problemas da comunidade formosense foi o núcleo do conteúdo do *podcast* e a razão de existir da ação de extensão, mesmo reconhecendo as dificuldades de tratar alguns assuntos, como indica o trecho seguinte.

O nosso objetivo de entrevista, que são os políticos profissionais ou as pessoas que estão ali representando os políticos profissionais, é que tornava isso mais difícil. Porque esse âmbito político é muito complicado, principalmente quando você toca em assuntos que a gente queria tocar. Que eram assuntos, apesar de relevantes para a cidade, eram delicados. [...] Apesar de ser uma cidade pequena, dos políticos serem mais acessíveis, assim, ainda são políticos, são pessoas que representam a gente. Então a gente aprende a entrevistar uma pessoa que está em uma relação, entre aspas, de poder com a gente. A conseguir retirar da pessoa conteúdos que são delicados, mas de uma forma que a pessoa não se sinta ofendida (Estudante 03).

A oportunidade de participar de projeto que colocou estudantes em contato direto com políticos profissionais gerou aprendizados. Além da compreensão sobre como tratar assuntos polêmicos, o trecho aponta para um aprendizado relativo a lidar com situações em que relações de poder podem comprometer o diálogo. Ademais, foi possível perceber que o projeto conseguiu estimular que entrevistados tratassem de temas relevantes, como indica a fala abaixo.



Eu acho que a gente conseguiu exatamente continuar, com que ele opinasse sobre temas relevantes, talvez eu possa estar falando o óbvio, de forma prática de fato. Então assim, a gente impactou nesse sentido, porque eles não iam falar nunca sobre esse assunto lá naquelas sessões, a não ser que o tema viesse, mas eles não iam pontuar isso na tribuna livre, entendeu? Então a gente impactou para que eles falassem sobre esse assunto (Estudante 01).

Na visão do estudante, alguns temas não seriam tratados no cotidiano do legislativo municipal, por isso a relevância do projeto pautar certos assuntos. Esse seria um impacto direto do *podcast*: colocar em pauta temas relevantes à cidade. Tal ação afeta entrevistados que acabaram sendo instados a falar de certos assuntos, bem como afeta o público ouvinte que pode ter acesso aos conteúdos.

Acho que a conexão com as pessoas foi muito, sabe, enriquecedor. Não só para a gente enquanto indivíduo, eu acho que foi enriquecedor para cada um de nós, eu acho que também foi enriquecedor para a comunidade em geral, de verdade, porque os temas, eu acho que um dos temas principais que eu gostei foram dois, que foi da violência contra a mulher e violência animal. Eu acho que esses dois episódios transformaram as pessoas que ouviram e trouxeram informações muito importantes (Estudante 02).

O estudante ressalta o caráter “enriquecedor” do trabalho, considerando que a comunidade pode ser beneficiária dos produtos realizados. A importância das informações e a possibilidade de transformação pessoal aparecem como elementos valorativos do projeto. De toda forma, o fortalecimento do debate público por meio do *podcast* também foi enriquecedor para os membros da equipe, como indicado abaixo.

Eu acho que uma coisa muito boa, acho que foi esse contato com os próprios vereadores, entendeu. Estou dizendo assim, no quesito pessoal, eu tinha uma percepção sobre eles que em algumas foram confirmadas e outras foram transformadas. [...] Antes, eu acompanhava as notícias em nível municipal, mas sobre o olhar de alguém que já estava resumindo aquelas informações para mim, a rádio, ou algum outro companheiro, ou alguma outra pessoa. Ok. Agora participando do Bancada eu tive que dedicar um tempo da minha vida para ouvir as sessões, aí construir a minha noção a partir do que de fato estava sendo feito ali dentro. Vou continuar fazendo



isso em um futuro? Não sei, tudo depende de tempo. Mas eu vejo que é viável (Estudante 01).

O estudante considera que realizar a ação de busca direta de informações do fazer político municipal demanda tempo. Embora coloque em dúvida se realizará tal tarefa no futuro, se vê capaz de realizá-la por ter feito isso no decorrer do projeto. Essa fala indica que houve desenvolvimento de habilidade para conseguir fazer leitura própria do trabalho do legislativo. Por isso, aponta que o envolvimento com a ação de extensão que gerou diálogo sobre políticas públicas possibilitou a qualificação de estudantes como cidadãos capazes de construir a própria compreensão do que de fato é feito dentro da casa legislativa municipal, sem a necessidade de mediadores.

7 Para a conversa seguir

Estruturados sobre o tripé ensino, extensão e pesquisa, a exemplo de outras IES, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFs não foram concebidos como novas universidades, mas direcionados à promoção de formação profissional e tecnológica e distribuídos pelo país por meio de um processo de interiorização na perspectiva de cumprirem a função social educativa a eles designada. Apresentam capilaridade singular e, por isso, potencialidade de aproximação com comunidades em diferentes pontos do Brasil.

No cenário de expansão da Rede Federal, priorizou-se inicialmente a instituição de IFs e seus campi no interior, buscando "melhorar a distribuição espacial e cobertura das instituições de ensino e, conseqüentemente, ampliar o acesso da população à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no país" (BRASIL, s/d), aproximando a educação profissional e tecnológica de comunidades que até então pouco dispunham dela. Essa determinação, materializada em campi localizados à porta - quando não dentro - das comunidades, tem contribuído para a construção de relações entre os IFs e a sociedade para além de arranjos produtivos locais e da organização regional de sujeitos sociais. Afinal, as relações entre a comunidade interna



e externa, ou melhor, entre a diversidade de sujeitos locais vinculados e não vinculados (por matrícula) à instituição, se expressa e se encontra no espaço físico institucional concretizado pelos IFs. Este contexto se mostra propício para que estas relações sejam constituídas dialogicamente, o que pode ser potencializado pelas características da extensão - reconhecida pela aproximação da instituição à comunidade para estabelecimento de outros vínculos que não a matrícula.

Vínculos são formas de ligação, ou melhor, de relação. De um lado, a relação pode ser para estender conhecimentos, como costumeiramente se entende a extensão difusora de ideias e práticas produzidas nas IES para comunidades carentes de saberes e técnicas. Por outro lado, a relação pode ser para dialogar e construir o conhecimento em conjunto com comunidades férteis e abundantes em saberes e práticas. Compreender a extensão como educação exprime a intencionalidade do vínculo dialógico, multidirecional e não unidirecional. Vínculo só possível quando as partes envolvidas - comunidades e IES - reconhecem o outro como legítimo e capaz de contribuir com a construção de conhecimentos. Nesse sentido, a extensão tem a potencialidade de ser meio para o encontro efetivo, possibilitando a influência mútua entre IES e comunidades. Essa compreensão fortalece a extensão como constitutiva e não acessória à educação superior, evitando assim que seja vista por sua negativa em relação ao ensino e à pesquisa.

Neste contexto, a experiência analisada nos permitiu refletir sobre em que medida o diálogo sobre políticas públicas se materializa como um meio para a extensão cumprir seu papel nas IES. A partir do olhar dos estudantes promotores da referida ação de extensão, foi possível considerar suas concepções de extensão e ainda como a experiência extensionista motivada pelo diálogo sobre políticas públicas se aproximou e se distanciou destas noções sobre a extensão. Foi possível perceber uma intencionalidade dialógica na proposta de produção de *podcast* que, embora limitada no alcance ou na interação com o público ouvinte, foi capaz de contribuir com o debate público municipal.



Considerando que políticas públicas, vistas como ações públicas, partem da identificação coletiva de problemas para a inserção na agenda e formulação de propostas de solução ou enfrentamento das situações, o trabalho realizado pelo projeto de extensão parece ter contribuído com o estabelecimento de vínculos entre o IFG e a comunidade. Novamente, reconhecido o limite do número de entrevistados e da abordagem do *podcast*, foi notado que os sujeitos políticos envolvidos no projeto reconheceram a IES como relevante para o debate público no qual estavam engajados.

Assim, muito embora a reflexão sobre extensão ainda parta de um movimento de devolutiva, de acesso àquilo que é produzido nas IES, a proposta de tratar de políticas públicas locais por meio do diálogo impulsionou a experiência extensionista para uma perspectiva comunicativa – que demandou a constituição de relações tanto com entrevistados quanto com ouvintes (ainda que esta última tenha sido considerada insuficiente pelos estudantes). Se o conceito formulado de extensão aparenta seguir associado a noções assistencialistas da relação IES - Comunidade, a experiência do “Bancada da Sala” permitiu aos estudantes identificarem a potência da extensão enquanto lugar de vínculos.

Vínculos que demonstram a potência da extensão como parte constitutiva e não complementar das IES. A partir da experiência analisada, é possível dizer que o diálogo sobre políticas públicas, em particular considerando os debates locais, pode ser considerado meio para que a extensão seja efetivamente indissociável do ensino e da pesquisa na educação superior. Assim, pode ser abandonada a compreensão da extensão nem-nem que nem é ensino e nem é pesquisa, o que permite a adoção de a compreensão da extensão como educação que é ensino-extensão-pesquisa, indissociáveis, embora diferenciados. E o que diferencia a extensão? Vínculo efetivo com a comunidade, permitindo relação dialógica e influência mútua. Neste sentido, a ação de extensão “Bancada da Sala: ouvindo a política de perto” nos mostrou que o diálogo sobre problemas coletivos e ações públicas possíveis pode ser meio para criação de tais vínculos.



Referências

BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BRASIL. **LEI N° 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm> Acesso em 19 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Expansão da Rede Federal**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-acoes/expansao-da-rede-federal>>. Acesso em 20 mar. 2020.

CABRAL, Nara Grivot. **Saberes Em Extensão Universitária: Contradições, tensões, desafios e desassossegos**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2012.

Conselho Nacional das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica (CONIF). **Extensão Tecnológica: Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Cuiabá (MT): CONIF/IFMT, 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS. Conselho Superior. **Resolução CONSUP/IFG n° 24 de 08 de julho de 2019**. Aprovar o Regulamento das Ações de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, conforme documento anexo. Disponível em <<https://ifg.edu.br/attachments/article/3734/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2024%202019-editado-4.pdf>> Acesso em 06 mar. 2022

LASCOUMES, Pierre; GALÈS, Patrick Le. **Sociologia da ação pública**. Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2012.

PIRES DA SILVA, Wagner. Extensão universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, 10 nov. 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/extensoesociedade/article/view/22491>> Acesso em 06 mar. 2022